

O QUE NÃO DEVE FALTAR NA LITURGIA DOMINICAL: UM ESTUDO A PARTIR DAS ORIGENS DO CULTO CRISTÃO

WHAT MUST NOT MISS IN SUNDAY LITURGY: A STUDY FROM THE ORIGINS OF CHRISTIAN WORSHIP

Paulo Gerhard Pietzsch¹

Resumo: Em tempos de “polarização litúrgica”, há por um lado, oficiantes do culto cristão que insistem em manter literalmente a tradição e a herança litúrgica sem qualquer preocupação com a sua atualização. Há também, por outro lado, um número crescente de adeptos de uma “liturgia livre”, sem tradições e sem estruturas pré-estabelecidas. Estes tendem, até mesmo, a uma postura iconoclasta, que procura a eliminação de símbolos litúrgicos do ambiente dedicado ao culto. A presente pesquisa visa auxiliar a ambos os grupos, trazendo propostas de equilíbrio entre o antigo e o novo, entre os elementos imprescindíveis das origens do culto cristão e a livre expressão do louvor. O escopo deste artigo é apresentar quais são, de acordo com os liturgistas (estudiosos da liturgia), os elementos imprescindíveis e originais do culto cristão, quais são os elementos apenas úteis dessa estrutura e, até mesmo, partes consideradas por muitos como dispensáveis. A partir do conhecimento histórico, teológico, confessional, simbólico e prático das estruturas das origens do culto cristão, o presente trabalho apresenta o conceito “moldar liturgia” como via alternativa, que ajudará a todo oficiante da liturgia a cumprir a sua função com equilíbrio e criatividade.

¹ Bacharel em Teologia, Seminário Concórdia, São Leopoldo (1987). Mestre em Teologia, EST, São Leopoldo (2002). Doutor em Teologia, EST, São Leopoldo (2008). Pastor na Congregação São João Batista, São Leopoldo, RS (2016-).

Palavras-chave: Culto cristão. Liturgia. Polarização. Elementos imprescindíveis. Origens.

Abstract: In times of “liturgical polarization,” there are on the one hand, Christian worship officiants who insist in literally maintaining the tradition and liturgical heritage without any concern for updating it. There is also, on the other hand, a growing number of supporters of a “free liturgy”, without traditions and without pre-established structures. These even tend to an iconoclastic stance, which seeks to eliminate liturgical symbols from the environment dedicated to worship. The present research aims to help both groups, bringing proposals for a balance between the old and the new, between the essential elements of the origins of Christian worship and the free expression of praise. The scope of this article is to present what, according to liturgists (liturgy scholars), are the essential and original elements of Christian worship, which are the only useful elements of this structure and even parts considered by many to be expendable. From the historical, theological, confessional, symbolic and practical knowledge of the structures of the origins of Christian worship, the present work presents the concept of “shaping the liturgy” as an alternative way, which will help every officiant of the liturgy to fulfill their function with balance and creativity.

Keywords: Christian Worship. Liturgy. Polarization. Essential elements. Origins.

INTRODUÇÃO

Estudar a liturgia do culto cristão é sempre um desafio, especialmente no contexto de uma igreja que, oficialmente, reconhece a importância da tradição litúrgica herdada de seus antepassados. O presente artigo não pretende trazer grandes definições ou conceitos a respeito da liturgia, de sua estrutura e de suas partes. O que se propõe é uma reflexão acerca dos elementos que, em geral, não deveriam ser omitidos na estrutura do culto, por fazerem parte do seu núcleo original. Que importância têm os elementos que compõem a liturgia, quais são esses “elementos originais”, o que são

“elementos imprescindíveis, úteis ou até dispensáveis” que fazem parte da estrutura do culto cristão?

Vivem-se tempos de “polarização litúrgica”, ou seja, de um lado há quem segue a liturgia “oficialmente recomendada” *ipsis litteris* e, de outro, há os que não seguem qualquer ordem litúrgica proposta pela igreja. Uns afirmam que “ser cristão protestante é seguir plena e totalmente a sua proposta litúrgica”, enquanto que outros se recusam a seguir qualquer formalidade. Quem está certo? Quem está errado? Há possibilidade de encontrar um ponto de equilíbrio? Há um “meio termo”?

A partir de uma (re)visão da estrutura original do culto cristão e dos elementos agregados a essa estrutura nos primeiros séculos da era cristã (muito além e mais antigos do que a Reforma Luterana), pretende-se com este artigo trazer o conceito “moldar liturgia” como via alternativa, ou seja, que preserva os elementos essenciais e históricos da estrutura do culto cristão e os acréscimos posteriores considerados úteis, moldando-os de acordo com o contexto social, histórico, situacional e do próprio calendário litúrgico.

A PRIMEIRA ESTRUTURA DO CULTO CRISTÃO

“E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações” (At 2.42). Esse texto tem sido utilizado para destacar como era a vida dos cristãos do período imediatamente posterior ao Pentecoste. Johannes Rottmann denominou esta passagem como os “quatro pilares da vida espiritual da igreja. Esses quatro pilares são e continuarão sendo os pilares principais até o Dia Derradeiro. Faltando um destes pilares, certamente faltará um elemento fundamental na vida de qualquer igreja na terra... E convém notar: três deles são singulares e um é plural: Há uma só doutrina dos apóstolos; há uma só comunhão em Cristo; há um só partir do pão; – porém: há uma pluralidade de orações” (ROTTMANN, 1997, p.100).

O que se depreende deste texto é que os cristãos da “Era Apostólica” eram unânimes e perseverantes nos ensinamentos dos apóstolos, que eram os ensinamentos do próprio Salvador Jesus. Como ainda, nesse período, não havia escritos do Novo Testamento, somente o testemunho dos próprios

apóstolos e demais testemunhas oculares, os textos que serviam de base para as leituras da Palavra de Deus fundamentavam-se nos escritos do Antigo Testamento, interpretados à luz do cumprimento das profecias em Cristo Jesus.

A *koinonia*, referida no texto de Atos, trata da íntima comunhão com Cristo como Senhor de nossas vidas (vertical) e a fraterna comunhão e unidade com os irmãos (horizontal). O texto de Atos detalha as implicações dessa comunhão: “Todos os que criam estavam juntos e tinham tudo em comum. Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade. Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração” (At 2.44-46). O autor deste artigo tem utilizado o neologismo “vértico-horizontal” para se referir a ambas as formas de comunhão e apontado para a cruz como forma de exemplificar tal comunhão.

O “partir do pão” é o primeiro termo técnico para designar a ceia do Senhor. “Em seus inícios a igreja perseverava na celebração da santa ceia: não deixavam passar um único dia sem se reunirem para celebrar a Santa Ceia em culto conjunto” (ROTTMANN, 1997, p.101). Esta, segundo os estudiosos da liturgia, é a principal característica que distingue o culto cristão das demais formas de culto (WHITE, 2005, p.175). Assim, historicamente falando, “em toda a Igreja Primitiva não há o menor indício da celebração do Domingo sem Ceia do Senhor” (ALLMEN, 2006, p.176).

A permanência unânime e perseverante nas orações é assim descrita: “O quarto pilar da vida de nossa congregação deve ser formado pelas orações que brotam de nossos corações e sobem em coro para junto do trono do Altíssimo, como um levantar de muitas mãos e muitos braços... orando pela igreja, pela evangelização mundial, pelo pastor, pelo membro enfermo, pelo perdão dos pecados” (ROTTMANN, 1997, p.102).

O que por exegetas foi denominado de “quatro pilares da fé cristã”, estudiosos da liturgia cristã (liturgistas) os denominam de “primeira estrutura do culto cristão” (KIRST, 2000, p.23). E nesta estrutura fica delineado o que é imprescindível para que um encontro seja caracterizado como verdadeiro ou autêntico culto cristão. O culto se caracteriza em primeiro lugar como o lugar em que Deus vem a nós por meio de sua

Palavra. Assim, a “doutrina dos apóstolos” não é nada mais, nada menos do que a leitura da Palavra de Deus em culto público e a sua consequente interpretação ou atualização. Esse é o primeiro elemento que jamais faltará num culto verdadeiramente cristão. O número de leituras poderá ser variável e a forma de interpretá-las ou atualizá-las poderá variar também. Mas de maneira nenhuma faltará a leitura e exposição da santa Palavra de Deus, pois “Assim diz o Senhor”.

A expressão “perseveravam na comunhão” também tem sido interpretada como parte imprescindível do culto, tanto no aspecto vertical (comunhão com Deus) quanto no aspecto horizontal (comunhão com o próximo). E, nesta última ênfase, segundo liturgistas, entra em cena o “ofertório”, ou seja, o levantar de ofertas para o socorro das pessoas mais vulneráveis e a distribuição de mantimentos que garantiam a subsistência dos mais pobres. Junto com esta ênfase, no ofertório também eram trazidos e consagrados os elementos da ceia do Senhor – pão e vinho (KIRST, 2000, p.33ss).

As expressões “perseveravam no partir do pão e nas orações” completam o conjunto de elementos chamados de imprescindíveis do culto cristão. Assim, esses quatro elementos serão fundamentais para se realizar o que os estudiosos denominam de “moldar liturgia” (BIERITZ, 2013, p.120-125). Nesse “moldar” serão considerados os quatro elementos “imprescindíveis”, os elementos “úteis” (mas não absolutamente necessários) e os elementos “dispensáveis” (que serão utilizados apenas em certas ocasiões ou situações) (KIRST, 2000, p.16,17).

LEX ORANDI LEX CREDENDI

Esta antiga expressão da igreja cristã, em sua forma completa, *Lex orandi statuat legem credendi*, datada do século 5º e atribuída ao Papa Celestino I, é normalmente assim traduzida: “A norma da oração estabeleça a norma da fé” (BECKHÄUSER, 2017, p.1ss).

A partir dessa antiga norma da igreja cristã, as comunidades também têm o compromisso de celebrar e orar o que elas creem, ou seja, que a mesma norma e orientação para o culto e oração é o que define e orienta a verdadeira fé e vida cristãs.

Neste pequeno estudo a respeito do culto cristão, o interesse é demonstrar que existe uma íntima ligação entre os artigos da fé cristã e o que se celebra no culto dominical (culto do Senhor – *Dominus*). Muito antes da elaboração de tratados a respeito da fé cristã ou de uma sistematização dos textos bíblicos denominados de “Novo Testamento”, é correto afirmar que os cristãos tinham na liturgia a sua fonte de ensino, fé e vivência do evangelho e da nova aliança. “Antes que houvesse tratados de Teologia Sistemática, os cristãos criam e aprofundavam a fé, celebrando-a. A Liturgia constitui a *theologia prima*. Hoje, ela é reconhecida por todos como um *locus theologicus*” (BECKHÄUSER, 2017, p.2).

O estudo acadêmico da Liturgia e do Culto Cristão nas faculdades de Teologia está, usualmente, sediado no Departamento de Teologia Prática. Na compreensão deste pesquisador, no entanto, o lugar mais apropriado para o seu estudo acadêmico é o Departamento de Teologia Sistemática, uma vez que se trata de verdadeiros tratados de Teologia. Assim, muito mais do que o “ensaio” da prática litúrgica, a respectiva cátedra deveria ater-se ao estudo teológico, histórico e simbólico do Culto Cristão. Na mesma linha de pensamento, conseqüentemente, a Liturgia não é “do pastor”, nem mesmo “da comunidade”, mas é um importante patrimônio confessional e tesouro da igreja, através da qual Deus serve ao ser humano pecador, chama-o ao arrependimento e lhe anuncia que única e exclusivamente através de Cristo recebe a remissão de todos os seus pecados. Nessa perspectiva, o pastor não tem o direito de fazer com a liturgia o que bem entende, mas, obedecendo a critérios teológicos, técnicos e contextuais, trabalhará com ela como se fosse argila utilizada pelo oleiro, dando-lhe bonitas, criativas e envolventes formas.

Os primeiros testemunhos da fé cristã podem ser encontrados no contexto do culto das primeiras comunidades. Os relatos dos evangelhos, as narrativas do ministério, do sofrimento e morte cruel, detalhes do sepultamento, a euforia da ressurreição e glorificação de Jesus foram tornados públicos no contexto das assembleias ou cultos das congregações. Não seria fora de propósito a afirmação de que o testemunho dos apóstolos e evangelistas era lido no contexto da celebração eucarística, como no exemplo que segue: “Irmãos, venho lembrar-lhes o evangelho que anunciei a vocês, o qual vocês receberam e no qual continuam firmes. Por meio dele vocês também são salvos, se retiverem a Palavra assim tal como a preguei a vocês, a menos que tenham crido em vão. Antes de tudo, entreguei a vocês

o que também recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras. E apareceu a Cefas e, depois, aos doze. Depois, foi visto por mais de quinhentos irmãos de uma só vez, dos quais a maioria ainda vive; porém alguns já dormem. Depois, foi visto por Tiago e, mais tarde, por todos os apóstolos. Por último, depois de todos, foi visto também por mim, como por um nascido fora de tempo” (1Co 15.1-8). Outra passagem do mesmo apóstolo, muito cedo, transformou-se no relato da instituição da ceia do Senhor e, ao mesmo tempo, palavras da instituição da ceia e de consagração dos elementos visíveis, pão e vinho, para a celebração: “Porque eu recebi do Senhor o que também lhes entreguei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, pegou um pão e, tendo dado graças, o partiu e disse: ‘Isto é o meu corpo, que é dado por vocês; façam isto em memória de mim’. Do mesmo modo, depois da ceia, pegou também o cálice, dizendo: ‘Este cálice é a nova aliança no meu sangue; façam isto, todas as vezes que o beberem, em memória de mim’. Porque, todas as vezes que comerem este pão e beberem o cálice, vocês anunciam a morte do Senhor, até que ele venha” (1Co 11.23-26).

O encontro do Trino Deus com a sua comunidade e desta com ele é um tempo e lugar em que cada cristão tem o privilégio para exercitar o conteúdo e significado teológico da sua fé, é o encontro da *fides quae* (ou o conteúdo da fé cristã) com a *fides qua* (o ato de crer ou ser cristão verdadeiro). O culto é o lugar em que a fé acolhe a mensagem da Palavra do Senhor e, em cada oportunidade desse encontro com Deus e com os irmãos, ela recebe a iluminação do Espírito Santo e a oportunidade de ser exercitada. Pela fé (coletiva e individual) o nome de Deus é invocado e a sua atuação garante vida e salvação a todo o que crê. No credo e seu conteúdo se expressa a fé em um Deus único e trino ao mesmo tempo, criador de céus e terra, manifesta-se fé e esperança de salvação através de Cristo, pela fé e conteúdo desta se confessa a virtude e ação do Espírito Santo na vida da sua igreja, exercita-se a confissão de pecados e crê-se no perdão, ressurreição e vida eterna. A cada encontro para o culto é manifesta a santa vontade de Deus através da Palavra da Verdade.

É por tudo isso (e muito mais) que no culto e sua liturgia encontram-se as balizas e as normas para a vida e o exercício da verdadeira fé cristã, o “assim diz o Senhor” que, ao mesmo tempo, exorta, ensina, conforta,

abençoa e envia para que a igreja e cada cristão individualmente sejam “luz do mundo e sal da terra”.²

Resumidamente, pode-se expressar o que acima foi exposto a respeito do culto e sua liturgia, com as seguintes palavras: “A ‘*lex orandi*’ está sempre ligada à ‘*lex credendi*’. Dependendo do modo em que os homens rezem, bem ou mal, assim também acreditarão, bem ou mal, e se comportarão, bem ou mal. A santa liturgia é, em absoluto, o primeiro ato da nova evangelização. Se não adorarmos a Deus em espírito e verdade, se não celebrarmos a liturgia com a maior fé possível, especialmente nessa ação divina que se desenrola ao longo do culto, então não poderemos ter a inspiração e as graças necessárias para participar na evangelização” (BURKE, 2022).

OS ELEMENTOS ESSENCIAIS DO CULTO CRISTÃO

A busca pelos elementos imprescindíveis do culto cristão não se restringe a um estudo da Reforma protestante, mas faz-se necessário um retorno às origens. Igrejas cristãs espalhadas pelo mundo estão revisando toda a questão que envolve o culto e sua liturgia. Em alguns lugares, por não se sentirem identificados com a liturgia que herdaram, muitos simplesmente a dispensaram, enquanto outros estão usando formas litúrgicas sem a devida compreensão das mesmas (BRAND, 1982, p.2).

Quatro são os elementos do culto cristão: A Palavra de Deus, a ceia do Senhor, as orações e a manifestação de serviço na vida da comunidade. Há partes que não podem ser mudadas, por terem sido instituídas por Cristo, como é o caso da Palavra e do sacramento (BELOTTO, 1977, p.113).

A PROCLAMAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS

A leitura e exposição da Palavra de Deus (*Torah* e sua interpretação), elementos que o culto cristão herdou das celebrações dos hebreus, serviam para ensinar, exortar e confortar o povo. Todas as liturgias utilizadas ao

² <<https://www.pastoresdabovobis.com/post/lex-orandi-lex-credendi-lex-vivendi>>. Acesso em: 17 mar.2022.

longo da história da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) mantêm a leitura e exposição da Palavra – leituras bíblicas e homilia (liturgias publicadas na IELB). Vale destacar que, desde o século 4º da era cristã, a leitura do Antigo Testamento não foi mais contemplada na missa dominical. Na Igreja Romana, somente com a reforma litúrgica promovida no Concílio Vaticano II o Antigo Testamento encontrou novamente o seu lugar entre as leituras dominicais. Contudo, como na maioria das igrejas cristãs, a leitura do Antigo Testamento não foi contemplada na maior parte do tempo, desde o século 4º da era cristã (WHITE, 2005, p.115). Na IELB, Somente na década de 1980 se restaurou o lugar da leitura do Antigo Testamento ao culto principal (DEP-IELB, 1986), chamando-a de primeira leitura (visto que em certos períodos essa primeira leitura é tirada de textos do Novo Testamento). Com a restauração da leitura do Antigo Testamento, a igreja retorna a uma prática exercida pela igreja primitiva (REED, 1947, p.289), portanto, um passo importante na busca pelas origens do culto cristão. Vale lembrar que esta leitura está, na maioria das vezes, tematicamente ligada ao evangelho (LEHENBAUER, 1992, p.47).

É unânime entre os cristãos que a Palavra de Deus seja elemento indispensável no culto cristão, pois, sem ela, este não seria um encontro vivo entre Deus e seu povo, a ceia do Senhor não seria o coroamento do culto, e sim um ato de magia (ALLMEN, 2006, p.156). Na leitura da Palavra está o cerne do culto herdado do povo de Israel. A Palavra contém as memórias coletivas da comunidade a respeito daquilo que Deus fez pelo seu povo (WHITE, 2005, p.113). Ela é essencial e não deve ser silenciada ou substituída por fábulas (LUTERO, 1984, p.66), mas deve ser colocada em primeiro lugar e considerada como “a Luz que ilumina a Ceia do Senhor” (ALLMEN, 2006, p.156). Os elementos formais do culto que, por terem sido instituídos por Cristo, devem ser observados “de direito divino”, são a proclamação da Palavra de Deus e a celebração da ceia conforme a instituição de Cristo no contexto de uma assembleia reunida em nome de Jesus (BRUNNER, 1968, p.221-222).

Para que a proclamação possa também assumir o caráter anamnético no culto, é oportuno que as três leituras aconteçam: o Antigo Testamento, a fim de se ouvir a respeito da criação e a manifestação dos profetas; a Epístola, para que a igreja se faça ouvir através do testemunho dos apóstolos; e o evangelho, como a *viva vox Domini* (BELOTTO, 1977, p.117).

Os elementos essenciais das origens do culto cristão relacionados com a proclamação da Palavra são, portanto, a leitura da Palavra (atualização e recapitulação da história da salvação), a reflexão sobre essa história através da homilia ou sermão (a Palavra de Deus interpretada para a congregação não como mera transmissão de conhecimentos, mas para dizer o que Deus fez em seu amor por toda a humanidade) e através dos cantos (salmos) e em orações o nome de Deus é bendito (WHITE, 2005, p.113).

A CEIA DO SENHOR

Na história da IELB, a ceia do Senhor nem sempre tem sido celebrada a cada culto.³ Portanto, um elemento essencial da liturgia (por força de mandato divino), não tem sido utilizado com a frequência com que a igreja lá nas origens fazia uso. Descaracterizou-se, desta forma, o que é considerado como “a estrutura mais distintiva do culto cristão”. White afirma que, desde as origens do culto cristão, a liturgia da Palavra constituiu a primeira metade da Eucaristia (WHITE, 2005, p.175).

Quanto à liturgia propriamente dita da ceia do Senhor, no contexto da IELB podem ser observadas as seguintes partes: prefácio seguido do *sanctus*, o Pai-Nosso e as palavras da instituição e distribuição, na primeira liturgia (1920) publicada em língua portuguesa. A segunda liturgia publicada (1938), inicialmente não previa inclusão do cântico do ofertório, sendo este somente incluído posteriormente na segunda edição do hinário luterano (1942). A sequência da celebração da santa ceia ficou assim definida (na segunda edição do hinário de 1938): hino 108 (“Cria em mim, ó Deus, uma alma pura...”), prefácio, *sanctus*, Pai-Nosso, palavras da instituição e hino 35 (Cordeiro Divino); depois seguia a distribuição e, após esta, a ação de graças e a bênção. Na terceira liturgia (1947) publicada em português, na “Ordem do Culto Principal com a celebração da Santa Ceia”, verificou-se que o ofertório foi deslocado para antes da oração geral da igreja, e o

3 Conforme PIETZSCH (in: *A Eucaristia na IELB à luz das origens do Culto Cristão*), há referência à resistência que se manifestou diante das propostas litúrgicas trazidas pelos pastores americanos quanto ao número de vezes que a ceia deveria ser celebrada e a própria forma dos elementos externos da santa ceia. Isso também pode ser verificado através de observações que constam nas próprias liturgias: “Não havendo Santa Ceia...”.

conteúdo do mesmo, além de penitencial, refere-se apenas a uma relação vertical, entre a pessoa e Deus. E, finalmente, a quarta liturgia analisada, apesar de ainda conter a observação “não havendo Santa Ceia”, prevê o ofertório como início da celebração eucarística, seguido do prefácio, *sanctus*, Pai-Nosso, palavras da instituição, *pax Domini* e *Agnus Dei*. Após a distribuição, segue a ação de graças ou o *Nunc Dimitis* (Cântico de Simeão) e a bênção araônica.

Nas quatro liturgias publicadas em português pela IELB, verificou-se, quanto ao Ofertório: inexistência em uma ordem, deslocamento para a liturgia da palavra em outra e, em duas ordens litúrgicas, mesmo figurando na celebração da santa ceia, o seu conteúdo é penitencial. Quanto à oração eucarística, verificou-se que a mesma sofreu cortes em todas as liturgias publicadas em português pela IELB. “A paz do Senhor” aparece na última liturgia exposta, sem qualquer referência a um “gesto da paz” ou “ósculo da paz”. Todas as liturgias analisadas concluem o culto com a bênção araônica. Não há referência à despedida e envio.

A estrutura da ceia do Senhor nas origens do culto cristão previa pelo menos quatro grandes partes: Após o ósculo da paz seguia o ofertório, a oração eucarística e a fração e distribuição do pão e do vinho (WHITE, 2005, p.187). Antes de se falar na restauração do significado original do ofertório, convém que se fale um pouco sobre o gesto da paz e, como este era entendido nas origens. Este gesto era a afirmação de que, após a oração dos fiéis, todos procurariam viver como verdadeiros irmãos e irmãs de uma mesma família (JUNGMANN, 1959, p.41). A *Didaqué* assim se refere à reconciliação: “Mas todo aquele que vive em discórdia com o outro, não se junte a vós antes de ter se reconciliado, a fim de que o vosso sacrifício não seja profanado” (DIDAQUÉ XIV, p.39). Como resposta à Palavra do Senhor, saudavam-se com o ósculo santo, como manifestação de amor e fraternidade, podendo, então, realizar a união em Cristo e por Cristo na liturgia da ceia (JUSTINO, Apologia 1.65, p.81). A reconciliação, selada com o gesto da paz, remete o participante da ceia do Senhor ao texto de Mateus 5.23-24: “Portanto, se trouxeres a tua oferta ao altar, e aí te lembrares que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali diante do altar a tua oferta, e vai reconciliar-te primeiro com o teu irmão, e depois vem e apresenta a tua oferta”. Assim sendo, o gesto da reconciliação, selado com o ósculo santo, era marca registrada de pessoas regeneradas,

não podendo ser exigido ainda dos catecúmenos (JUNGMANN, 1959, p.41). O referido gesto, que sela a reconciliação, poderia acontecer, no contexto ocidental, na forma de um abraço fraterno, um aperto de mão ou outro sinal equivalente. O gesto da paz jamais deveria ser esquecido, pois nele “os fiéis imploram a paz e a unidade da igreja”, expressando “entre si amor recíproco, antes de participarem do único Pão” (SARTORE, 1992, p.411).

Quanto ao ofertório, o texto de *Didaqué XIII* [(p.38)] descreve a quem e como é trazido o ofertório: aos profetas e aos pobres, das primícias do dinheiro, das vestes e de todas as posses. Justino, o Mártir, ao falar deste, assim se manifesta: “Em seguida, se apresentam ao que preside os irmãos pão e um cálice de água e vinho misturados” (JUSTINO, p.81). Hipólito menciona outros elementos como parte das ofertas, tais como azeite, queijo e azeitonas, os quais eram primeiramente consagrados ao Senhor, antes de serem utilizados (HIPÓLITO, Tradição Apostólica 18, p.42). É importante destacar que o ofertório desde os tempos mais remotos é um dos elementos considerados imprescindíveis do culto cristão, sendo este marca registrada do discipulado, serviço mútuo e solidariedade (RIEFF, 1999, p.8). A oferta no contexto eucarístico é um sinal da autodoação dos fiéis ao serviço de Deus, um sinal de fraternidade e de unidade cristã, visando “auxiliar a igreja a viver nessa fraternidade, nessa dimensão humana de atender a missão e promover a ação social em favor daqueles que têm pouco ou nenhum recurso” (BELOTTO, 1977, p.145). As oferendas trazidas eram abundantes, pois, além de serem suficientes para alimentar os que participavam da ceia do Senhor, eram levadas “também para os ausentes”. A ênfase de Justino sobre o ofertório é bastante grande, destacando que os que possuem bens socorrem “todos os necessitados” e sempre estão “unidos uns com os outros”. Há novamente a ênfase no socorro aos órfãos e viúvas, aos abandonados por causa de enfermidade, aos presos e aos forasteiros. O que preside e os diáconos tornam-se, portanto, provedores dos que sofrem por causa de suas necessidades (JUSTINO, 1:67, p.81-83).

O ofertório não é uma opção da comunidade, mas “a responsabilidade dos cristãos entre si e para com o mundo” (CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS, 2001, p.41), pois, como recebedores da bondade e generosidade de Deus, como família de filhos e filhas de Deus, partilham

o que receberam, importando-se concretamente com as necessidades das outras pessoas, manifestando “o amor para com pessoas que estão em situação de necessidade” (RIEFF, 1999, p.9). Eis porque não basta relocar o ofertório ao início da celebração eucarística. É necessário o resgate do seu sentido original.

A inexistência de vários elementos da oração eucarística em todas as liturgias publicadas pela IELB aponta para as modificações efetuadas por Lutero em sua reforma do Cânon da Missa. Tais modificações aconteceram como “reação contra as impurezas doutrinárias do Rito Romano e o desejo de ‘ressaltar a palavra de Deus e não a de homens’” (LEHENBAUER, 1992, p.77). A oração eucarística também é considerada pelos liturgistas essencial e original do culto eucarístico (WHITE, 2005, p.187). É, portanto, elemento a ser resgatado no culto da IELB. O primeiro argumento em favor do resgate da oração eucarística (da ação de graças) fundamenta-se nos próprios relatos da instituição por Cristo, pois os quatro textos (Paulo, Mateus, Marcos e Lucas) mencionam que Jesus, ao pegar os elementos, “deu graças” (1Co11, Mt 26, Mc 14 e Lc 22). O conteúdo desta ação de graças não é descrito nos textos bíblicos, mas, a partir do que era feito nas ações de graças judaicas, pode-se deduzir o conteúdo (WHITE, 2005, p.177). [O segundo argumento para a restauração da oração eucarística na liturgia é o fato de que esta é mencionada em documentos do segundo e terceiro séculos da era cristã, denotando assim a sua essencialidade e originalidade.⁴]

Se a argumentação de Lutero para eliminar a oração eucarística baseava-se na convicção de que ali havia problemas doutrinários, o argumento pelo retorno às origens parece resolver também essa preocupação. Na igreja antiga, imediatamente após o ato de adoração do “triságio” (*sanctus*), incluía-se a oração eucarística, na qual dava-se graças ao Pai pelos frutos da terra e por sua obra da criação; ênfase foi dada à ação graciosa de Deus ao enviar o seu Filho como Redentor da humanidade e à ação do Espírito Santo com sua presença e poder (REED, 1947, p.338).

4 Veja-se, p.ex., Didaqué IX e X (que não dá todas as palavras, mas aponta para uma estrutura); Justino, Apologia 65, fala de uma “longa eucaristia por ele ter-se dignado a conceder-nos estas coisas”, e Apologia 67 diz que se “eleva orações e igualmente ações de graças”; a Tradição Apostólica de Hipólito descreve um texto, uma “ação de graças ao Pai, pelo teu Filho querido...”.

Portanto, uma forma bastante original da oração eucarística deveria contemplar uma ação de graças ao Pai, que como criador de todas as coisas abençoa o que foi semeado e o que foi colhido e trazido,⁵ uma ação de graças pelo envio de Jesus Cristo como o Redentor – o Verbo da Vida, “por meio do qual fizeste todas as coisas”, o relato da instituição, e o pedido pelo envio do Espírito Santo, a fim de que este reúna “em um só rebanho todos os fiéis”, para o fortalecimento da fé na Verdade, a fim de que estes fiéis glorifiquem incessantemente ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo (HIPÓLITO 12, p.40-41).

Nos últimos vinte anos, em publicações de auxílios litúrgicos, a IELB tem colocado à disposição das comunidades algumas orações eucarísticas (DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO PAROQUIAL DA IELB, 1986, p.25 e 30). As orações referidas omitem a ação de graças ao Pai (pela criação e manutenção do universo) e a epiclese (que pede pela ação e orientação do Espírito Santo). Seria oportuno que estas duas partes também fossem incluídas, pois as referências mais remotas à oração eucarística incluem ambas as partes, além da fração e da conclusão doxológica.

Segundo o “esquema de quatro ações”, identificado por Gregory Dix, “tomar o pão e cálice” refere-se ao ofertório, “dar graças” é uma referência à oração eucarística, “quebrar ou partir” refere-se à fração do pão, e “dar aos seus discípulos” refere-se à comunhão. Este, segundo Dix, é o núcleo invariável da ceia do Senhor (DIX, 1960, p.48-50), que deveria servir de orientação para qualquer tentativa de restauração de uma liturgia conforme as origens do culto cristão.

AS ORAÇÕES

Tanto o Novo Testamento (ver At 2.42; At 4.20-31; Mt 6.9-13; Lc 11.2-4) quanto os escritos dos pais apostólicos dão grande ênfase à oração. A oração é elemento indispensável à vida e ao culto cristão, não sendo apenas um ato de obediência, mas, acima de tudo, expressão de fé e esperança. “A oração, no culto, deve refletir os anseios e a ação de

5 Didaqué IX faz, junto com a ação de graças ao Pai, o pedido para que “Da mesma maneira como este pão quebrado primeiro fora semeado sobre as colinas e depois recolhido para tornar-se um, assim das extremidades da terra seja unida a ti a tua igreja em teu reino”.

graças ao Deus de toda a comunidade, razão pela qual deve-se evitar o uso de chavões” (BELOTTO, 1977, p.132-136). As liturgias publicadas na IELB e aqui pesquisadas apresentam pelo menos quatro tipos de oração: confissões de pecados, coletas, oração geral da igreja e o Pai-Nosso. Todas elas com textos pré-determinados, elaborados (muitos deles) há séculos. A pergunta que se faz é, até que ponto tais orações ainda refletem os anseios e as necessidades das pessoas do mundo moderno?

Primeiramente, verificar-se-á a possibilidade de restaurar o *Kyrie* à sua posição e conteúdo originais (REED, 1947, p.266), não como manifestação penitencial (confissão de pecados), pois os contextos bíblico e litúrgico não respaldam a tese de que esta oração se referia à confissão de pecados (EVANSON, 1993, p.409). A expressão *Kyrie eleison* é um fragmento de uma oração em forma de litania da igreja primitiva. No entanto, o *Kyrie* só foi incluído na liturgia cristã após o quarto século (REED, 1947, p.267), tendo sua origem na igreja do Oriente (EVANSON, 1993, p.409). Segundo White, “ao final do século V, a oração dos fiéis mais antiga foi substituída em Roma por uma oração em forma de litania, localizada antes das leituras, sendo que a resposta da comunidade era *Kyrie eleison*”. Contudo, em pouco tempo, desapareceu a litania, permanecendo apenas a expressão *Kyrie eleison* (WHITE, 2005, p.115-116). O significado original do *Kyrie* é uma súplica da comunidade, que, reconhecendo a sua necessidade, volta-se confiante ao Deus de amor e canta com o coração cheio de esperança: “Senhor, tem misericórdia” (REED, 1947, p.70), e dá a todos a paz, a salvação, a paz para o mundo, o bem-estar da igreja, socorro aos que sofrem, etc. Com o *Kyrie* inicia-se a parte do culto que ressalta o Senhor vitorioso e ressuscitado que vem ao encontro do seu povo sofredor através da Palavra e dos sacramentos. Mesmo não fazendo parte do núcleo primitivo do culto cristão, essa oração (em seu sentido original) poderia ser restaurada no culto da IELB.

As demais orações previstas nas liturgias da IELB poderiam evitar as fórmulas prontas e o uso de chavões, para serem mais bem “compreendidas pela congregação, [...] concretizando as necessidades das pessoas”. Tudo isso poderia ser feito com simplicidade, respeito e clareza, que são qualidades imprescindíveis de uma verdadeira oração (BELOTTO, 1977, p.136-137). Quanto à coleta, não se coloca em

dúvida o seu valor, pois seu conteúdo espiritual, objetividade, fervor e sinceridade (LUTERO, 1984, p.221) são apresentados em sua rima de ideias. É também, por alguns, chamada de “pão para a alma, irrigado com o sangue de Jesus, conquistado para o eterno Pai em nome do seu Filho” (REED, 1947, p.278-280). O endereço da maioria das coletas é Deus, o Pai, e a conclusão é trinitária. Sua base para a petição faz lembrar as grandes obras de Deus, e o pedido sempre aponta para um propósito concreto. Em geral, somente um pedido específico é feito nesse momento, caracterizando a sua objetividade (EVANSON, 1993, p.411-412). A *Oratio*, como era denominada nas origens, tem permanecido na igreja desde os tempos mais remotos até o presente (REED, 1947, p.280). O que poderia ser restaurado é o seu aspecto menos formal, como era costume na igreja antiga, em que a *Oratio* era feita *ex cordis* (de coração) ou preparada e dita de memória. A sua linguagem, especialmente, poderia ser mais simples e direta, a fim de que a comunidade pudesse entendê-la melhor.

A oração dos fiéis (oração geral da igreja), que fazia parte do núcleo original do culto cristão, era especialmente uma oração em favor de outros (WHITE, 2005, p.118). Por ser comunitária, não se trata de uma mera repetição do conteúdo do sermão ou a manifestação de desejos egocêntricos, mas de uma preocupação pelo mundo inteiro, não só pelo indivíduo e pela comunidade. Ela revela o verdadeiro pensamento e sentimento da igreja. Sendo assim, através dela, a comunidade também poderia ter participação, por exemplo, com a resposta “ouve, Senhor a nossa súplica”, ou outra qualquer (REED, 1947, p.336). Também, por seu caráter comunitário, tal oração poderia ser elaborada em conjunto pelo ministro e sua equipe de liturgia, zelando “para que, em meio a toda espontaneidade e participação, não se perca o caráter essencial desta oração” (KIRST, 2000, p.29).

O que não se pode perder de vista na oração, de uma forma geral, é que ela é indispensável, é um ato de obediência, fé e esperança e uma profunda manifestação de amor a Deus e ao próximo com suas necessidades. “Nascimento, morte, alegria e tristeza, a experiência de cada um ou as realizações comunitárias são trazidas à vida, porque são elementos reais da existência e, portanto, devem servir de elemento de oração e de testemunho do povo” de Deus (BELOTTO, 1977, p.139).

A MANIFESTAÇÃO DE SERVIÇO NA VIDA COMUNITÁRIA

Primeiramente, vale destacar que os três tópicos anteriores são manifestações de serviço da comunidade, seja pela proclamação da Palavra, seja pela ceia do Senhor e também pelas orações. O assunto já foi abordado quando se falou do ofertório, mas merece maior aprofundamento, pois os cristãos reuniam-se não somente para ouvir a Palavra e celebrar a ceia, mas também e especialmente, “para a prática da diaconia, da solidariedade, da partilha” (RIEFF, 1999, p.69). A diaconia é definida como serviço “da igreja relativo às necessidades humanas materiais, promocionais, de assistência ou de solidariedade”. Não se quer aqui desenvolver um tratado sobre diaconia e culto, mas ressaltar que o serviço da igreja, o seu testemunho do evangelho acontece “por palavras e obras”. É, portanto, “o caminho obrigatório da igreja de Jesus em tudo o que faz, pois Jesus é o Servo por excelência” (SOARES, 1999, p.207). É na solidariedade, manifestada na ceia do Senhor, que o corpo de Cristo, a igreja, se afirma e assume a responsabilidade pelos irmãos e pelo mundo, seja através do mútuo perdão, “intercessão por todos, comer e beber juntos, levar os elementos eucarísticos aos doentes e aos prisioneiros”, levar também aos ausentes (JUSTINO, Apologia 1:65).

Considera-se a prática da diaconia um elemento essencial no culto cristão, desde as origens, conforme testemunho de Atos dos Apóstolos: “Permaneciam [...] na comunhão”, e “era um o coração e a alma da multidão dos que criam, e ninguém dizia que coisa alguma do que possuía era sua própria, mas todas as coisas lhes eram comuns”; “[...] enquanto isso, dia a dia acrescentava o Senhor o número dos que iam sendo salvos” (Atos 2.42-47).

Os escritos dos pais apostólicos também ressaltam que todos, após a cerimônia, devem ter pressa em “praticar o bem, a agradar a Deus, a viver corretamente, pondo-se à disposição da igreja, fazendo o que aprenderam e progredindo na piedade”.⁶ Essa piedade manifestava-se no socorro aos órfãos e viúvas, aos enfermos e abandonados, aos presos e forasteiros de passagem e a todos que passavam por necessidades.⁷

6 Cf. Hipólito, Tradição Apostólica, 58: Parece ser uma amostra de como acontecia o envio ao final do culto eucarístico e o comprometimento que se esperava de cada cristão.

7 Justino, Apologia 1.67, diz que a ação em favor dos pobres, de quantos padecem necessidades, é coordenada a partir do próprio culto público.

Urge, portanto, restabelecer ao culto da igreja o envio à missão de Deus, que tem como arefa evangelizar e como método o serviço (SOARES, 1999, p.214).

CONSIDERAÇÕES

Todas as pessoas que oficiam a liturgia do culto cristão têm diante de si diversas opções ou caminhos a seguir: a) permanecer na literalidade das tradições e textos litúrgicos formalmente reconhecidos pela igreja; b) ignorar completamente qualquer estrutura e herança litúrgica, a fim de “ser atual” e menos formal; c) não polarizar para nenhum dos caminhos anteriores, mas encontrar um ponto de equilíbrio entre a tradição e a contemporaneidade.

Para se encontrar equilíbrio entre o antigo e o novo serão necessárias algumas considerações: a) conhecer a história, a estrutura, a teologia e o significado da liturgia no seu todo e nas suas partes; b) identificar o núcleo mais original possível do *ordo* do culto cristão e relacionar o que nele é imprescindível, útil ou até mesmo dispensável em sua estrutura atual; c) uma vez identificados os elementos imprescindíveis do culto cristão, a pessoa oficiante terá diante de si o desafio de moldar a liturgia de acordo com os princípios teológicos (*lex orandi, lex credendi*), confessionais, culturais e contextuais. Aqui se aplica a mesma regra para a escolha de hinos, canções e salmos: o seu conteúdo de acordo com as Escrituras e a temática do dia irão balizar a sua escolha.

Em todo o trabalho de “fazer liturgia”, a pessoa oficiante levará em conta que o culto cristão não é propriedade sua (e que faz com ele o que bem entender), mas é o encontro de Deus com a sua comunidade. Deus é o autor e tem total autoridade sobre o culto. É ele que, em primeiro lugar, vem servir a comunidade com sua Palavra e com os sacramentos. É Deus que vem ao encontro do pecador para exortar, ensinar, perdoar, consolar e enviar para a missão. Ao cristão e participante do culto cabe responder à Palavra, à santa vontade e à misericórdia do Senhor.

A partir do estudo e considerações das origens do culto cristão, haverá farto material para, associado ao conhecimento teológico, histórico e prático, dar a teólogos e sacerdotes ministros boas e criativas condições

para um excelente trabalho litúrgico. Assim, todo início do culto será *In nomine Jesu* e todo final, um *Soli Deo Gloria*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLMEN, Jean Jacques von. *O Culto Cristão: Teologia e prática*. 2.ed. São Paulo: ASTE, 2006.
- BECKHÄUSER, Alberto. *Lex orandi lex credendi*. Disponível em: <<https://franciscanos.org.br/vidacrista/lex-orandi-lex-credendi/#gsc.tab=0>>. Acesso em: 17 mar.2022.
- BELOTTO, Nilo et all. *Nós e o culto*. São Bernardo do Campo: Instituto Metodista de Ensino Superior, 1977.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada: antigo e novo testamento*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1968.
- BIERITZ, Karl-Heinrich; ULRICH, Michael. *Gottesdienstgestaltung*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1987.
- BIERITZ, Karl-Heinrich. O Ano Eclesiástico. In: *Manual de Ciência Litúrgica*, v.2. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2013, p.241-295.
- BRAND, Eugene L. *O Culto Cristão*. São Leopoldo: Sinodal, 1982.
- BRUNNER, Peter. *Worship in the name of Jesus*. Saint Louis: Concordia Publishing House, 1968.
- BURKE, Raymond Leo. Disponível em: <https://www.pastoresdabovobis.com/post/lex-orandi-lex-credendi-lex-vivendi>>. Acesso em: 5 abr.2022.
- CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS. *Batismo, Eucaristia e Ministério*. 3.ed. São Paulo: ASTE/CONIC, 2001.
- CULLMANN, Oscar. *Early Christian Worship*. London: SCM Press, 1959.
- DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO PAROQUIAL. *Preciso Falar VI*. Porto Alegre: DEP – IELB, 1986.
- DIDAQUÊ. In: ZILLES, Urbano. *Didaqué: Catecismo dos primeiros cristãos*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1978.
- DIX, D. Gregory. *The Shape of the Liturgy*. London: Dacre Press, 1960.
- ELERT, Werner. *Eucharist and church fellowship in the first four centuries*. Saint Louis: Concordia Publishing House, 1966.
- EVANSON, Charles J. The Service of the Word. In: PRECHT, Fred L.

Lutheran Worship – History and Practice. St. Louis: Concordia Publishing House, 1993, p.407-418.

HIPÓLITO. Tradição Apostólica. In: NOVACK, Maria da Glória. *Tradição apostólica de Hipólito de Roma: Liturgia e catequese em Roma no século III*. Petrópolis: Vozes, 1971.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL e IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA DO BRASIL. *Diálogo interluterano sobre a celebração da Santa Ceia*. Porto Alegre, 4 de outubro de 2001.

JUNGMANN, Josef A. *The Early Liturgy*. Indiana: Notre Dame Press, 1959.

JUSTINO. Apologia 1; Diálogo com Trifão. In: NOVACK, Maria da Glória. *Tradição apostólica de Hipólito de Roma: Liturgia e catequese em Roma no século III*. Petrópolis: Vozes, 1971.

KIRST, Nelson. *A Liturgia toda: parte por parte*. São Leopoldo: Sinodal, 2000.

KIRST, Nelson. *Nossa Liturgia: das origens até hoje*. São Leopoldo: Sinodal, 2000.

LEHENBAUER, Oscar. O culto principal. *Igreja Luterana*, São Leopoldo, n.2, p.15-106, 1992.

LUTERO, Martinho. Formulário da Missa e da Comunhão para a Igreja de Wittenberg. Tradução de Martin N. Dreher. In: *Obras Seleccionadas*, v.7. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1999, p.155-172.

_____. Missa Alemã e Ordem do Culto. Tradução de Martin N. Dreher. In: *Obras Seleccionadas*, v.7. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1999, p.173-206.

_____. Ordem do Culto na Comunidade. Tradução de Ricardo W. Rieth. In: *Obras Seleccionadas*, v.7. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1999, p.65-70.

PIETZSCH, Paulo Gerhard. *A Eucaristia na Igreja Evangélica Luterana do Brasil à luz das Origens do Culto Cristão*. 2002. Dissertação (Mestrado) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2002.

_____. *A Prática da Santa Ceia na Igreja Evangélica Luterana do Brasil na tensão entre a Teologia Oficial e a Teologia Popular*. Tese (Doutorado). – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2008.

REED, Luther D. *The Lutheran Liturgy*. Philadelphia: Muhlenberg Press, 1947.

RIEFF, Sissi Georg. *Diaconia e culto cristão nos primeiros séculos*. 1999.

Dissertação (Mestrado) – Instituto Ecumênico de Pós-Graduação (IEPG), São Leopoldo, 1999, p.69-92.

ROTTMANN, Johannes H. *Atos dos Apóstolos*, v.1. 2.ed. Porto Alegre: Concórdia, 1997.

SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M. (Orgs.). *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas/Edições Paulistas, 1992.

SOARES, Sebastião Armando Gameleira. Diaconia e profecia. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo, n.3, 1999, p.207-230.

WHITE, James. *Introdução ao Culto Cristão*. São Leopoldo: Sinodal, 1997.